



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 6 DE JANEIRO DE 1957

NO PALÁCIO DAS LARANJEIRAS, NA APRESENTAÇÃO DE TELAS DO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO, QUANDO PARANINFOU A APRESENTAÇÃO DO QUADRO DE RENOIR "LA BAIGNEUSE AU GRIFFON".

- 25 É com maior prazer que me associo ao júbilo dos artistas brasileiros no ato de incorporar-se ao patrimônio cultural da nação mais uma tela famosa, trazida para o nosso país pelo Senador Assis Chateaubriand, para o museu que admiravelmente imaginou e construiu.
- 26 Apresentando uma obra de arte à sociedade desta Capital nos salões do Palácio das Laranjeiras, quero, com êste gesto, demonstrar o aprêço em que tenho os valores espirituais e dar o meu aplauso ao dinamismo

e à benemerência dêsse homem de imprensa, de quem um dia se dirá, como elogio cabal, que foi um incoercível agitador de idéias, escondendo nalma a elegância engenhosa de um Mecenas do Renascimento.

Realmente, ao criar, em São Paulo, um museu variado e universal, o jornalista Assis Chateaubriand lembra um espírito inquieto da Itália de papas e príncipes, da Espanha e da França de imperadores e reis, que entesouraram estátuas e quadros com a mesma avidéz com que os seus financistas usurários enchiam de ouro as arcas do Estado. 27

Deu-se à aventura — que literalmente é uma maravilhosa proeza — de importar Ticianos, Rubens, Veroneses e Delacroix, como se fôsem testemunhas indispensáveis à difusão de uma arte a que faltava no Brasil a dimensão histórica; procurou, numa espécie de antologia da pintura, explicar, por precusores e modernos, a razão pela qual um Tintoreto se une a um Cézanne na nossa admiração; formou, sobretudo, um museu para o povo. Eis aí o principal título de glória dêsse empreendimento, cujos pitorescos milagres o próprio Senhor Chateaubriand nos contará com a expressividade da sua palavra. Não premeditou organizar uma exposição fechada, para a fruição de poucos. Deixou de lado o particularismo e as limitações das galerias milionárias. Abriu-a democraticamente à educação e à sensibilidade do povo, para que o povo conhecesse e prezasse os valores da arte; transformou-a útilmente numa escola pública; traçou com ela uma ponte entre a nossa gente, que não pode freqüentar os museus célebres, e os grandes mestres que nêles se exibem. 28

Vem exatamente, observe-se bem, daquela fonte pura de emoção que é o sentimento popular, o impressionismo de Pierre-Auguste Renoir, cuja pintura radiosa — através de autêntica obra-prima — é a que celebramos. 29

A corrente a que pertence não deriva das angústias de expressão de um academicismo fatigado. Constitui, na história da arte, uma libertação, uma saída da pintura para o ar livre, onde cantas: em as côres brilhantes, com o propósito estético de exprimir a sensação sadia e espontânea da vida. Origina-se, em linha reta, da revolta de 1863, que também partiu de um salão, mas do explosivo Salão dos Recusados, cuja figura central (inseparável do clima em que se formou Renoir) é Édouard Manet. A classificação de impressionistas data de uma crítica justa, de 1874. Na realidade, o que os distinguia era a visão pictórica da natureza, com a resposta da claridade e dos assuntos triviais da existência ao convencionalismo, à solenidade, ao descolorido e escuro dos ambientes fechados, à superação dos temas românticos. A êste propósito, e nesta atitude, os impressionistas da geração irreverente de Dégas, de Lautrec, de Sisley, de Manet, de Morisot, de Cézanne, são, no rigor da frase, pioneiros e não adversários da conciliação do ideal e do social — o ideal impregnado de fantasia e o social sobrecarregado de antagonismos brutais. Abandonaram a intimidade voluptuosa dos *ateliers* para surpreender, nos instantâneos do cotidiano, o movimento, a ansiedade, a verdade das pessoas e das coisas. Procuraram-na nos aspectos comoventes e simples da cidade, no anonimato do transeunte, na melancolia ou na graça, na tristeza ou na festa dos humildes. A pintura segue a parábola do pensamento e da política, no deslocamento inevitável das tórras de marfim para o turbilhão das ruas, do abstrato para o vital. Identifica-se com as côres lucilantes do mundo em que vivemos, não do mundo em que sonhamos.

Fala-se muito do colorido influenciado pela luz africana das paisagens de Delacroix, seu mestre indiscutível. Pois é nesta gloriosa luz que intervém Manet com um elemento jovial e exótico, que talvez fôsse tão importante para os seus companheiros de insurreição artística como as tintas refulgentes de

Delacroix inspiradas pelas manhãs marroquinas. Esse fator diferente é o sol dos trópicos, que, em 1850, viajando êle para o Brasil, lhe incendiou a imaginação. A esta luz crua, que realça esplêndidamente os relevos e as rústicas originalidades de um país sem dias cinzentos, sem ares penumbrosos, sem sombras hibernais, sem claro-escuro, começou a conceber a arte restituída ingênuamente à natureza, fecundamente realista e humana. Não é demais acrescentar que o sol brasileiro que ilumina os quadros matinais de Manet estende os seus revérberos — como quente mensagem de vida — aos de Renoir, e os envolve na atmosfera rutilante em que reconhecemos cintilações e ecos da nossa própria terra.

Único é, porém, Renoir, na fluidez e transparência dos matizes. Tinha a valorização sábia de tons, as ardentes representações de um mundo visto de olhos abertos, não imaginado e tolerado segundo os estilos do passado. Transportou-se para o ar livre; descobriu os flagrantes habituais, do dia que passa; pegou ao acaso os grupos, crianças, velhos, mulheres, na inocente e calma surpresa das cenas sem data e sem lugar; e nessa intuição amável do que existe, não do que gostaria que existisse, se tornou incomparável. É o criador indiferente aos ardis e responsabilidades da criação; um liberal sem rótulo, que se perdeu no meio da sociedade sem título; o reabilitador da arte santificada pela poesia. No seu impressionismo vibra harmoniosa e fulgurantemente a nota alta da simpatia humana. Ressoa sobretudo na interpretação dos encantos ou do mistério feminino. A Vênus de Renoir é uma dessas suas verídicas e tranqüilas personagens, imortalizadas pela arte para dizerem às multidões ao longo dos tempos a sua lição de equilíbrio, perfeição e beleza. 32

Homenageando no gênio do impressionista francês a constante renovação da cultura pela fidelidade à vocação e pela liberdade de criação artística de tôdas as 33

épocas e de tôdas as pátrias, desejo que esta cerimônia se converta num estímulo às fôrças jovens e pujantes do Brasil. Também aqui as artes floresceram e prosperaram em sucessão livre e ilustre de escolas, não nos faltando sequer, na alba da consolidação nacional, ímpetos de emancipação e expressionismo rebelde, como o do escultor torturado de Minas Gerais, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, gênio indiscutível do Brasil. Apelo para a continuidade dessa evolução respeitável, a fim de que o esforço incessante pela elevação do indivíduo à altura dos seus destinos, num mundo em que as artes sagram a dignidade humana, dignifique o dever e a glória das gerações formadas na veneração da inteligência, no culto da liberdade e no amor da pátria.